

SUPPLEMENTO BURLESCO

AO NUMERO 957 DO

PATRIOTA.

SUBSCREVE-SE:

Na Typographia do PATRIOTA, rua do Poço dos Negros n.º 54. Marques, na rua Augusta n.º 2 e 3.

POR:

Tres mezes..... 720 rs.
Um mez..... 240 ..
Avulso..... 30 ..

SEGUNDA FEIRA 16 DE AGOSTO.

PARTE OFFICIAL.

DECRETO.

Havendo a experiência mostrado que do abuso de se distribuirem *Gratis pro Deo* grande numero de Jornaes, resultam graves perdas para os empregarios, redactores, e litteratos; e desejando nós por amor da humanidade obviar a esses males, que tanto affligem os Jornalistas, depois de ouvido o Conselho dos nossos distribuidores, Temos resolvido que do Supplemento do Patriota se não distribua um só que não seja a troco de 30 réis. Os compositores, impressores, vendedores, e distribuidores do mesmo Jornal assim o tenham entendido e façam executar como lhes compete. Palacio do Poço dos Negros em 15 de Agosto de 1847.

Com a Rubrica dos Redactores.

Está conforme.

Maravilha.

Vamos augmentar o formato deste supplemento!!! O nosso 3.º numero crescerá quatro dedos; e pelo andar do tempo tornar-se-ha um lençol de tres ramos.

Mandaram-se vir maquinas de Inglaterra para fabricar o papel. As ultimas noticias que tivemos do paquete, é que ficavam em Portsmouth carregando seis vapores da força de 10:000 cavallos.

As artes em Portugal vão em grande progresso!!!

(OS REDACTORES.)

EM COMO SE PROVA QUE O PARTIDO CABRALISTA NUNCA EXISTIO.

Nasceram dous homens em Fornos d'Algodres que receberam o nome de cabraes. Ora Fornos d'Algodres é um sitio horroroso, uma aldeola, uma cousa que tem toda a semelhança com aquellas cousas que não admittem semelhança. E vai senão quando os taes cabraes fazem epocha e imaginam criar um partido seu como quem cria gallinhas, revolvem Portugal debaixo para cima e de cima para baixo, e depois de lhe tirarem o ultimo vintem — fogem d'um aranhico e protestam de Cadiz! Deos lhes dê saude e nos livre de máos visinhos do pé da porta, Deos os avivente para amparo de suas familias e os ponha no reino (do Céu) para ahi repousarem das fadigas do mundo politico, que é um mundo peor que todos os do Dr. Pangloss. Vá a citação com licença do *Europeo*.

Mas no meio de tudo isto houve alguém que se persuadiu que os cabraes eram cabralistas e que o partido cabralista existia; engano! Esse partido nunca o houve — alguns anarchistas inventaram esta peta para armar á credulidade dos papalvos; porém hoje já a nação tem os olhos bem abertos e difficilmente a pôdem embair. O partido chamado cabralista será um mytho, uma fabula, um ovo, o que quizerem, todavia uma realidade

nunca o foi, nem o é, nem o hade ser. Perguntai a todos os homens de gravata lavada, a *esses ricos proprietarios*, o que são? Haverá algum que vos diga — eu sou cabralista? A maldade dos *inimigos da ordem e da legalidade* tem feito crer na existencia desse partido ficticio, aerio, imaginario, sonhado. E foi daqui que no parlamento Inglez se disseram cobras e lagartos de dous defensores strenuos da carta, como são os irmãos cabraes. Gritem, gritem como Scipião, que a patria não lhes hade gramar os ossos: bem hajam elles que á tal patria nem carne nem ossos deixaram!

Não existindo partido cabralista — para que estão os jornaes constantemente a malhar em ferro frio? Nada, é illusão, os jornaes não pôdem falar no que não ha. Para que se creou a Junta do Porto? Pois houve Junta do Porto? E a Junta do Porto guerreava o partido cabralista! Ora, ora que tolice, é a verdadeira imagem de D. Quixote atacando os moinhos e o vento.

Todos conhecem os serviços dos irmãos cabraes, todos sabem como este paiz prosperava, prosperava, prosperava... canaes, pontes, estradas, companhias, dinheiro, riqueza, abundancia etc. e mais outros *et cetera* que não pômos para poupar trabalho ao compositor. Não veem como se navega daqui até Coimbra com uma doçura que nem um torrão d'assucar? Não conhecem as bellezas do transito por todas essas estradas de Portugal? Ignoram a fortuna da companhia das Obras Publicas e Confiança Nacional? Por ventura uma nota não é uma nota, um pinto um pinto e um gato um bicho? Eis o que fizeram os irmãos cabraes e atrevam-se a accusa-los!

Ainda mais. O conde de Thomar, habil diplomata, nesta questão da interferencia andou como verdadeiro filho desta terra. Vio o throno em perigo por causa dessa tremenda liga e não hesitou! Zas! Tropas Hespanholas para Portugal e afogue-se a hydra revolucionaria; salvem-se os *thronos peninsulares*! Que mais havia a fazer? Queriam que viesse combater nas fileiras do Duque de Saldanha? Um diplomata *dança* (da parte da papelleira) não pelega; e um só homem não pôde fazer trinta e seis cousas ao mesmo tempo.

E será o Conde de Thomar cabralista? E existio nunca esse partido? Não, muitas vezes não!

Consolem-se os irmãos cabraes — o justo paga pelo peccador; é pecha antiga e senão haja vista o pobre Malco; vinha elle muito socegado de lanterna na mão e ficou sem orelheira, e os outros que pretendiam prender o senhor a rir ás bandeiras despregadas!

Ha um partido unicamente que merece este nome (para esclarecimento lêa-se o *Tempo* de 9 deste mez) um partido que tem por si *meia doze d'Europa*, um partido que venceu, como o pôdem attestar sabiamente os mui respeitaveis penedos e lages que ha por esses caminhos, (é sempre o *Tempo* a escrever) um partido na-

cional, generoso, apetitoso, gostoso e maravilhoso... e esse partido é o *cartista puro*. Os pernas de páo e os pernas de carne, os cambados e os direitos, os Europeos e os Africanos, os ferrugentos e os não ferrugentos, os coruscantes e os embaciados, trotam a *marche mar* che pelo caminho da immortalidade, cobertos com o seu *Estandarte*, entoando... a *Marsellaise* (credo que asneira!) entoando as palavras profeticas de Barba-Roxa: « Que importa ao varão justo a opinião do vulgo! »

Está dito:

Inquestionavelmente o partido cabralista nunca existio!

O CACETE.

E' preciso dar o seu a seu dono; o cacete não é como muitos acreditam invenção dos nossos dias: desde a mais remota antiguidade, que existem cacetes e caceteiros. Vamos prova-lo.

A massa de Hercules não era mais do que um tremendo cacete com que o tal amigo ia ao espinhaço daquelles que não estavam para o aturar.

Polyphemo foi o maior caceteiro do seu tempo, e não se servia de qualquer lasca de páo, mas sim de um formidável pinheiro com que derreava os cyclopes, quando estes não andavam direitos.

Caim matou Abel á cacetada, se os sagrados livros se não enganam.

As *Fasces* de que se serviam os Lictores da antiga Roma eram um feixe de cacetes, que se desatava por ordem dos consules para castigar os réos. Chamava-se a esta operação *fustigar*. Hoje o synonymo é *cacelar*.

A queixada de burro com que Sansão machucou os Phylisteus era um *cacete* fossil.

Na China ha cacetada de crear bicho; geralmente os filhos do celeste imperio, não se lhe indo ao pello não andam direitos.

Na Turquia todos estão sujeitos ao poder da bastonada; que fallando sem methaphora não é outra cousa mais do que a cacetada.

O *Knout* dos russos pertence á familia do cacete. Dizem mesmo, que não é possivel governar sem este poder do estado.

Nas cidades do Indostão os cabos de policia (tambem por lá os tem) quando querem deitar a unha a qualquer meliante que tenta evadir-se, atiram-lhe com cacetes ás pernas para os fazer cahir. Entre nós não estão com ceremonias atiram logo á cabeça.

A famosa pá com que a padeira d'Aljubarrota tanto brilhou, está hoje sufficientemente provado com documentos authenticos ter sido um solido cacete.

Ao cajado e varapão dos nossos saloios, pôde-se sem offensa chamar cacete de marca maior.

No reinado de D. Miguel introduziu João Paulo Cordeiro entre nós o uso salutar do cacete. Este distincto cavalheiro tinha companhias organisadas de caceteiros. Eram os ricos proprietarios daquelles tempos.

Criminalistas e publicistas de reconhecido talento pertendem ser o cacete grande argumento para convencer; isto nós faz acreditar que os ricos homens do Algarve, tão decantados pela sua disciplina, fizeram reviver entre nós o uso do cacete como um principio de direito constitucional.

Finalmente o proprio sceptro nas monarchias absolutas não é outra cousa senão um cacete disfarçado.

Um Regedor a proposito de um sino.

O paiz caminha a passo de gigante. O sino foi abolido como inutil para os incendios, e d'ora em diante cada um pôde deitar fogo muito á sua vontade, e dormir depois descansado, sem que o incommode a bulha infernal desses sons desagradaveis. Para compensação os sinos tocam todos os dias festivos, de dia só. A dizer a verdade o sino á noite deve dormir descansado como qualquer outro cidadão.

A' Boa-Vista, como os leitores sabem, houve um grande incendio, grande não, mas *souffrivel*, segundo a frase d'um capataz, homem de muita força e pessimo cheiro. Ardeo quasi uma propriedade inteira primeiro que se soubesse para onde conduzir as bombas, e um infeliz manco da marinha ingleza ficou inteiramente reduzido a *roast beef*. Os marinheiros portuguezes não foram vistos acudir, porque Portugal, este bemdito torrãozinho, sabe a posição que lhe compete — não quer expôr seus filhos á furia das labaredas — expõe-os á furia da guerra, tirando-lhe uma perna e dando-lhe um habito de christo. Forte pedaço d'asno é este Portugal! Ha gente que falla no que não sabe e por isso mette-se a censurar a torto e a direito. Pois a marinha Portugueza é inspectora de incendios? Que lhe importa ella que arda Lisboa toda com tanto que não ardam os *chavecos*? A marinha do protocolo, só a marinha do protocolo, essa sim, é a quem compete deitar agua na fervura e tratar das suas cousas. Se tudo ardesse quem pagava á França, Inglaterra e Hespanha? O paiz está *seguro* nesta *firma*, não reconhece mais ninguém.

E vamos adiante, nada de replicas.

Um Regedor é uma figura importante, um Regedor é do tempo dos cáos, porque hoje está provado que esse tempo não era mais do que uma confusão — botas desirmanadas — o povo fraternizando com a tropa — os cabralistas d'acôrdo com a *patulêa* etc. (havia tudo isto e mais alguma cousa). Ora o Regedor vive com o Cabo de policia, as attribuições confundem-se, é um cáos perfeito, tem cara de cáos, figura de cáos!

Um Regedor pois foi instado para que desse ordem para os sinos de S. Paulo tocarem a fogo, porque sem isso o sineiro, que se lembra dos ultimos sócos que lhe custou a leitura do *Diario* — não se meche, mas o Regedor tambem não manda tocar sem ordem superior.

— Saiba V. S. (os Regedores á noite tem Senhoria) que o predio arde todo.

— Deixe-o arder. Que tenho eu com isso? Sem ordem do Governo Civil não consinto que se movam os sinos. As liberdades do badallo ainda se acham suspensas. E teimou e embirrou (os Regedores teimam e embirram) e as casas arderam — tocando o sino quando não havia senão cinzas.

Não podêmos deixar de tributar os maiores elogios a este Regedor, casmurro como um burro, intelligente como um balú, subordinado como um soldado da *velha guarda*... O Regedor deixa arder as casas — não se meche! As funções são distinctas. O sineiro obedece ao Regedor, o Regedor ao Administrador do Julgado, o Administrador ao Governador Civil, o Governador Civil ao Ministro, o Ministro á Rainha. E' uma escala ascendente, clara, facil de comprehender; procede-se de menor para maior, e quando se chega a obter um resultado — queimou-se um predio é verdade, no



Lith. Francisco Calçada do Gombro N.º 6.

Eleições Livres.

entanto guardam-se as conveniências da policia com todo o escrupulo.

Declaramos por tanto este Regedor, este sineiro, e mesmo os sinos benemeritos da patria e do fogo.

**CARTA QUE NOS VEIO CAHIE NAS MÃOS
SEM SABERMOS COMO.**

MEU JOSÉ.

Li o teu protesto contra os ataques do Parlamento, e o meu desejo foi levantar-me da cama, ir dar-te um abraço: sendo como era, fóra d'horas, não quiz ir incommodar-te, porém dormi com o protesto debaixo do travesseiro, e durante a noite tive os mais agradaveis sonhos.

Destruis-te victoriosamente todas as brutaes accusações que te fizeram, provas-te tão claro como pós de sapato, teres sido aleivosamente atacado.

Accometeram-te qual urso bravo, ou cabra assanhada; nem ao menos por caridade christã se lembraram que faziam montaria a um seu semelhante!

Disse J. Bentinck, na sessão de 14 de Junho. —

“Que os cabraes seguirão sempre um systema invariavel de roubo, que tudo se vendia, que os logares de juizes, e os contractos e todos os officios erão postos em almoeda.” Pelo que vejo queria o tal sr. que tu e o mano Antonio dessem tudo de graça, havendo para tudo compradores. Quanto ao dizer, que vocês tinham um *systema invariavel de roubo*, nisso alguma razão lhe acho, pois podiam variar mais. Acrescentou o mesmo sr. Bentinck que teu mano Antonio, “comprára uma fazenda em Thomar, que lhe rende vinte e oito contos de réis.” Isto chama-se querer governar a bolca alheia; avenha-se o tal lord com o que é seu e não venha cá metter o nariz nos nossos negocios “Que a administração Costa Cabral roubava e espoliava por todos os meios que podia o pobre povo, para a si mesmo se enriquecer.” Custa a acreditar que um John Bull, si sudo, membro do Parlamento, naturalmente pai de filhos, estranhe o vocês roubarem para se enriquecer! Bom será que lhe mandes dizer, que entre nós, quem rouba não é para ficar pobre.

O que mais me indignou no discurso de Bentinck, foi o accusar-te “de teres recebido de um agiota duzentos contos de réis pelo contracto das obras publicas de Lisboa ao Porto!!”, A' vista disto, já ninguém pôde dispôr do que é seu. Se o tal agiota te deu duzentos contos de réis, é porque os tinha e os quiz dar. Que tem com isso Sr. Bentinck? De mais: *les petits cadeaux entretiennent l'amitié*, como dizem os francezes.

Admira-se que no espaço de cinco annos teu mano Antonio enriquecesse. Nesta parte tem o homem razão, pois com a habilidade que lhe conheço não devia levar tanto tempo em o fazer.

Estou convencido que a leitura do teu protesto, terá feito derramar muita lagrima ao tal Bentinck, por se ter fiado em falsas informações.

Um certo sr. Osborne, na camara dos cummuns em sessão de 11 de Junho; estranhou que tendo-te D. Pedro declarado incapaz de exercer empregos publicos; apesar disso fosses nomeado ministro da justiça por teu irmão Antonio! E' necessario ter um coração muito mal formado para fazer semelhante accusação. Teu irmão Antonio só ouviu a natureza, os laços de sangue foram mais fortes do que toda outra consideração, não quiz ser Caim, foi bom irmão; e por isso é accusado! E' horri-

vel, é armar o irmão contra o irmão, o pai contra o filho, o tio contra a tia, e a mãe contra a mãe.

Disseram mais alguns oradores, que em Portugal os Cabraes fizeram as eleições á bayoneta. O que houve durante as eleições, foram manobras militares, e então talvez por descuido fosse bayonetado, ou espetado algum cidadão pacifico.

Continua, meu José, a protestar. A europa tem os olhos fitos em ti, no protocolo, no Antonio, e nos protestos. Tu és um martyr da honra; só os que te não conhecem é que se atrevem a accusar-te. A nação morre por ti, faz-te justiça, e só deseja que vivas longos annos para amparo de tua familia, de teus filhos, que somos nós todos. Dispõe pois de nossos braços, de nossos corações, deixa-nos em paz as bolças, porque essas estão vazias, e adeos até cedo.

Teu escravo e amigo

Lisboa 2 de Agosto de 1847.

PERNA DE PÃO.

Cutiladas.

Pelo art.º 145, § 1.º da carta constitucional «Nem um cidadão pôde ser obrigado a fazer, ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude da lei» e como esta não prohibe as *camuecas*, está o padre Marcos perfeitamente no uso de um direito constitucional, tomando a sua *cabelleira* quando bem quizer, sem que com isso a Grã-Bretanha tenha motivo para intervir nos nossos negocios domesticos.

O titulo do Estandarte tem letra de duas pollegadas: dizem ser a mesma que serviu no prato de arroz doce que appareceu no Cartaxo.

O banco de Portugal continua o leilão de fundos: ainda não vendeu porção alguma, porque os taes fundos estão tão fundos que se não veem.

Os amigos da ordem e da legalidade proseguem nas provincias a espancar, roubar e assassinar. Talvez seja em virtude de algum artigo secreto do protocolo.

As notas dos diplomaticos estão cotadas a par das notas do banco de Portugal.

O protesto de José Cabral contra os membros do parlamento Inglez, que tiveram a ousadia de lhe chamar ladrão, apenas se recebeu em Inglaterra causou a maior sensação. Parece que se iam suspender as garantias e corriam grande risco de serem mandados para Angola os oradores, que se atreveram a atacar o illibado caracter do honrado José dos Conegos.

Os cabraes ressentiram-se que os inglezes lhe chamassem venaes; querem ser honrados á força. E' uma mania como qualquer outra.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.